

# Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália

Revista dos Criadores – Ano LXVIII – nº 815 – Abril de 1988

*mondo animal*

## Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália

A Caprinocultura no Brasil pode ser comparada a de outros países? Para responder a esta pergunta, divulgar a caprinocultura brasileira, ao mesmo tempo que se reciclavam com as técnicas de manejo praticadas no outro lado do oceano Pacífico, o agrônomo Sílvio Doria de Almeida Ribeiro, da Faculdade de Agronomia Manoel Carlos, ES, e a zootecnista Ana Maria Cândido Ribeiro, da Unesp Jaboticabal, graças à University of New England – UNE, estiveram participando do **6<sup>th</sup> World Congress on Genetics Applied to Livestock Production – WCGALP**, realizado em Armidale, Austrália, em setembro de 1997. Lá eles apresentaram o Procapi, um software para controle produtivo e reprodutivo de caprinos - já bastante conhecido dos criadores brasileiros, bem como outros trabalhos referentes à atividade no Brasil.

Durante a viagem, Sílvio e Ana Maria tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da Austrália e da Nova Zelândia, onde visitaram fazendas, latifúndios e centros de pesquisa, tentando aprender um pouco das técnicas e da filosofia dos criadores australianos e neozelandeses para adaptá-las ao Brasil.

“É claro que existem diferenças en-

tre a nossa criação e a deles”, diz Sílvio. Segundo ele, ao contrário daqui, “a caprinocultura é uma atividade relativamente recente na Nova Zelândia, com um efetivo pequeno se comparado ao de outras espécies, mas com animais de excelente qualidade e criados de forma bastante eficiente”, explica (Tabela 2).

Outra diferença está na extensão entre os dois países. Enquanto o Brasil possui uma extensão de 8.511.965 km<sup>2</sup>, a área da Nova Zelândia corresponde a cerca de 3% deste total, podendo ser comparada à área do Estado de São Paulo (Tabela 1). A população neozelandesa equivale à 2% da brasileira; conseqüentemente, a densidade populacional é menor, equivalente à do Estado de Goiás. “O país é composto por duas ilhas principais, a Ilha Norte e a

**Tabela 2. Efetivo de animais da Nova Zelândia, por espécie.**

Espécie	População
Ovinos	48.816.271
Bovinos de Corte	5.182.508
Bovinos de Leite	4.089.817
Cervídeos	1.178.704
Suínos	431.004
Caprinos	283.500

do Sul, com formato alongado, entre 34° e 47° de latitude Sul, com um clima Subtropical a Temperado e a proximidade do oceano favorece uma melhor distribuição de chuvas do que a que temos em nosso país”.

“O visitante que chega à Nova Zelândia tem a impressão de estar em uma grande fazenda, com a maior parte do

**Tabela 1. Comparação entre a população e a área da Nova Zelândia, Austrália e Brasil.**

País	Área (km <sup>2</sup> )	População	Densidade Populacional
Nova Zelândia	265.150	3.390.000	12,8
Austrália	7.682.300	17.086.197	2,2
Brasil	8.511.965	153.322.000	18,0
Goiás	340.166	4.018.903	11,8
São Paulo	248.256	31.588.925	127,2
Mato Grosso	901.421	2.027.23	12,3



*Animais da raça Boer, pertencentes à Landcorp Farm Co.*

# Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália (continuação)

Revista dos Criadores – Ano LXVIII – nº 815 – Abril de 1988

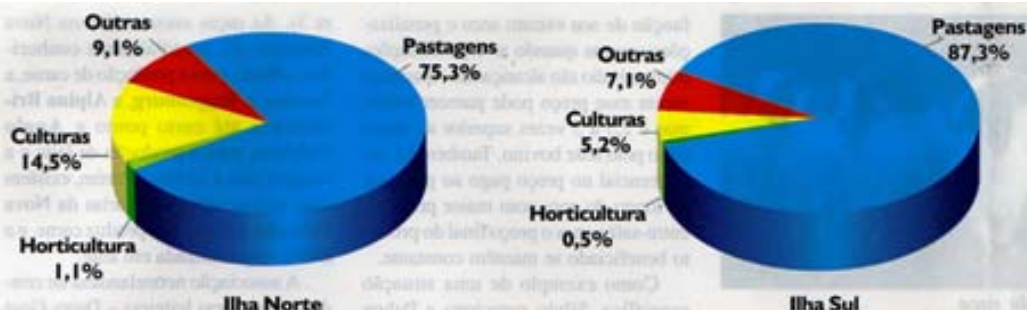


Figura 1. Uso da terra na Nova Zelândia

país formada de excelentes pastagens de azevém perene e trevo branco”, diz Sílvio. (Figura 1). “Enquanto por aqui, enfrentamos problemas de reforma agrária, lá se vê um intensivo uso da terra, com as áreas de melhor qualidade e topografia destinadas à bovinocultura leiteira e as regiões menos fa-



Raça Angorá, pertencentes à Alan Douglas.

voráveis dedicadas à ovinocultura e/ou bovinocultura de corte. É comum o uso de mais de uma espécie na mesma área, já que o pastoreio associado de animais, com hábitos diferentes, pode favorecer o manejo do pasto, o controle de parasitas e aumentar a receita por unidade de área”.

Embora a pecuária seja o principal alicerce da economia neozelandesa, o turismo assume importância crescente. “Trata-se de um país repleto de belezas naturais, com uma estrutura social e uma classe média forte e organizada que cria condições para a existência de uma população acolhedora, alegre e comu-

nicativa, que entende a importância do turismo e se esforça para receber bem os visitantes. As cidades são pequenas e muito bem cuidadas, com jardins sempre floridos” relata Ana Maria. A população que vive no campo tem um padrão de vida equivalente ao de quem mora nas cidades, no que se refere ao conforto e serviços básicos. Para que se tenha uma idéia, todas as fazendas são servidas por um serviço de correio seis dias por semana.

“Toda esta estrutura subsidia o desenvolvimento da caprinocultura leiteira, somada à grande importância da bovinocultura leiteira, e faz com que a criação de cabras leiteiras siga, até certo ponto, os mesmos princípios e técnicas de manejo utilizados com as vacas, sendo freqüente encontrar fazendas e estruturas de produção de leite bovino adaptadas aos caprinos”, conta Sílvio. De qualquer forma, percebe-se uma considerável diversidade nas técnicas utilizadas em cada propriedade.

### Como funciona a atividade

Os animais são criados essencialmente em pastagens de azevém perene e trevo branco, recebendo uma pequena suplementação de concentrados durante a ordenha, sendo raros os criatórios confinados. Embora a distribuição da produção de forragens, ao longo do ano, seja bem melhor do que a que temos no Brasil, também é estacional, com o excedente da primavera sendo conservado na forma de “haylage” para uso no inverno.

Os criatórios, normalmente, são conduzidos pelos próprios proprietários, fazendo com que as atividades sejam

cuidadosamente planejadas para otimizar o resultado de seu esforço, pois a mão-de-obra é escassa e cara. Os rebanhos são relativamente grandes, entre 100 e 400 cabras em lactação, conduzidos na maioria das vezes por não mais do que duas pessoas da família.

O sistema de ordenha é mecanizado, com equipamentos adaptados de bovinos ou importados da Europa. As salas de ordenha são projetadas para 32 a 48 animais, com um conjunto para receberem cada duas cabras. São abertas, ventiladas, e não exigem vestimentas para os ordenhadores. Após a ordenha, o produto passa imediatamente por um rebaixador e vai para um tanque onde é estocado a não mais do que 5°C. A coleta de leite é feita a cada 2 ou 3 dias e todo o leite é analisado, cumprindo as regras de padrão de qualidade do leite que é bastante rigoroso (Tabela 3). Portanto, qualquer falha nas fases de produção, estocagem e transporte pode ser detectada.

Sílvio conta que o sistema de produção neozelandês considera muito mais importante o leite chegar ao laticínio com uma acidez Dornic inferior à

Tabela 3. Padrão de qualidade para o leite de cabra recebido pela Puhoi Valley Cheese Co.

Item	Padrão
Sólidos Totais	> 10%
SPC – Contagem	
Padrão em Placas	< 50.000
Coliformes	< 1.000
Acidez Dornic	< 13,5°D
Antibióticos	Ausente
Materiais estranhos	Ausente

# Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália (continuação)

Revista dos Criadores – Ano LXVIII – nº 815 – Abril de 1988



Cabras da raça

13,5 do que exigir que o retireiro use botas brancas e que a sala de ordenha seja azulejada, o que, diga-se de passagem, não se exige em nenhuma outra parte do mundo. O leite também é pago pelo total de sólidos, de tal forma que o manejo alimentar e a própria seleção dos animais é direcionada para um leite com maior teor de sólidos totais.

A maior parte do leite de cabra produzido na Nova Zelândia é entregue a laticínios privados ou cooperativas que trabalham principalmente com leite bovino, mas apresentam uma divisão que

função de seu extrato seco e penalizações severas quando as especificações mínimas não são alcançadas. Aparentemente esse preço pode parecer baixo, mas é 2,5 a 3 vezes superior ao preço pago pelo leite bovino. Também há um diferencial no preço pago ao produtor ao longo do ano, com maior preço na entre-safra, mas o preço final do produto beneficiado se mantém constante.

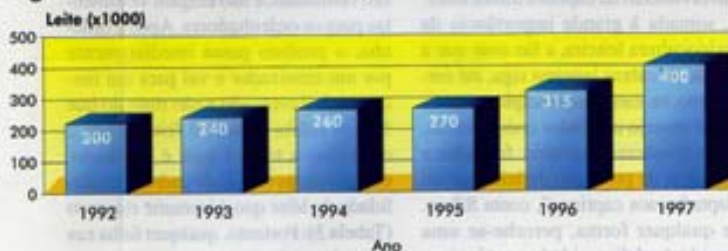
Como exemplo de uma situação específica, Sílvio menciona a Puhoy Valley Cheese - uma queijaria privada que trabalhava, originalmente, com leite de cabra e passou a beneficiar leite de vaca também, recebendo no ano de 1997 cerca de 3.400.000 litros de leite de vaca e 400.000 litros de cabra. A quantidade de leite de vaca é cerca de 8 vezes a quantidade da cabra, mas isso permite que toda uma estrutura seja mantida, o que seria muito mais difícil com a especialização em leite de cabra. Nessa queijaria o leite de cabra é transformado em queijos do tipo "Feta Cheese" e "Chèvre Salade"; uma terça

ra 3). As raças encontradas na Nova Zelândia são mundialmente conhecidas: a **Boer**, para a produção de carne, a **Saanen**, a **Toggenburg**, a **Alpina Britânica** e até certo ponto a **Anglo Nubiana**, para a produção de leite e a **Angorá** para a de fibra. Porém, existem duas outras raças originárias da Nova Zelândia: a **Kiko**, que produz carne, e a **Sable**, especializada em leite.

A associação neozelandesa de criadores de cabras leiteiras - Dairy Goat Breeders Association, possui um "Herd Book" bastante interessante com todas as informações da raça, como padrões raciais, regulamentos de participação em eventos e o estatuto da Associação, que permite aos associados - cerca de 200, atualmente uma clara noção das regras. Um segundo aspecto importante é a relação que os associados têm com os respectivos endereços, o que facilita o contato entre eles. "Outro fator importante é a divulgação dos resultados do controle leiteiro do ano, conhecido como boletim anual e os principais resultados de todos os tempos. Com isso, torna-se bem mais fácil a identificação dos melhores criadores e, quem trabalha sério e possui bons resultados encontra, nesse material, uma importante forma de divulgação. "Será que não poderíamos elaborar algo semelhante no Brasil?", perguntam Sílvio e Ana Maria

A principal raça produtora de leite na Nova Zelândia é a **Saanen**, que pode ser vista em rebanhos de elite, os "Stud", ou em rebanhos comerciais, onde representa a grande maioria dos animais. Embora a caracterização logicamente seja a mesma da **Saanen**

Figura 2. Leite recebido anualmente pela Puhoy Valley Cheese Co. (x 1.000).



recebe o leite caprino. Esse sistema permite que se aproveite as enormes estruturas existentes para o leite de vaca, diluindo uma série de custos fixos. Como boa parte do leite de cabra também é exportada, são feitos produtos que permitem uma longa estocagem, como leite em pó e longa vida e queijos com período de validade de até 2 anos. Com isso, até certo ponto se contorna o problema de estacionalidade reprodutiva e de produção, pois o consumidor tem à sua disposição os produtos caprinos, qualquer que seja a época do ano.

O preço básico que o produtor recebe é de cerca de NZ\$1,00 o litro (equivalente a R\$0,65), com acréscimos em

parte da produção é absorvida na própria Nova Zelândia, um terço na Austrália e um terço nos Estados Unidos. (Na Figura 2 pode-se verificar o constante incremento no volume de leite recebido, com um aumento de 27% do ano de 1996 para o ano de 1997, o que evidencia uma forte tendência de crescimento).

Aproximadamente 64% dos caprinos criados na Nova Zelândia destina-se à produção de fibra, que em 1995 foi de 216 toneladas de mohair (**Angorá**), 8 toneladas de cashmere e 3 toneladas de cashgora. O rebanho leiteiro é composto por cerca de 8.500 cabras em lactação (Figura

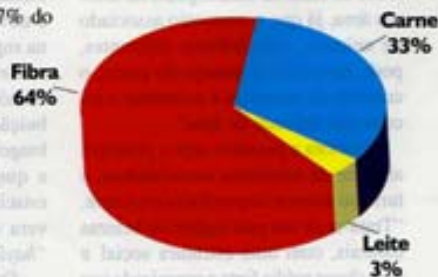


Figura 3: População caprina da Nova Zelândia, por especialidade.

# Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália (continuação)

Revista dos Criadores – Ano LXVIII – nº 815 – Abril de 1988

criada no Brasil, chama atenção a qualidade e a uniformidade dos úberes, necessária para a ordenha mecânica e para o pastejo (Figura 4).

Nos criatórios de elite, como o Wairere Dairy Gosts Stud, existem animais espetaculares, como a cabra **Wairere Mister**, que, na temporada 96/97 produziu 2.527 litros de leite e 268 kg de sólidos totais em 286 dias, alcançando a média de 8,8 litros/dia. “Ela pesa 109 kg e produziu 23 litros de leite ou 2,46 kg de sólidos totais por kg de peso corporal”, informa Ana Maria. Transformando essa produção em dinheiro, ela foi responsável por NZ\$2.410 (R\$1.566,50) nessa lactação (Figura 5).

Mesmo com animais de qualidades excelentes, Sílvio conta que o Brasil fez uma única importação de caprinos da Nova Zelândia, em 1991, trazendo animais desse criatório. Entre os que de lá vieram estava, por exemplo, a



Figura 4: Úbere de cabra neozelandesa

**Wairere Emily**, pertencente ao Capril Serra de Andradas, que chegou a pesar 130 kg e foi a Grande Campeã na Exposição Estadual de Pequenos e Médios Animais, em São Paulo, no ano de sua chegada ao Brasil.

As outras raças leiteiras presentes são a **Toggenburg**, com animais muito bons e de grande porte quando comparados

à **Toggenburg** criada no Brasil, **Alpina Britânica** e **Anglo-Nubiana**.

“A Alpina que criamos no Brasil praticamente não existe lá”. Uma outra raça criada na Nova Zelândia é a **Sable**, originária da **Saanen** mas com um padrão de pelagem bastante variado.

“Nos rebanhos comerciais não há uma preocupação muito grande com a raça criada, mas a grande maioria dos animais é bem voltada para a raça **Saanen**. A média de produção varia de 2,5 a 3,5 litros/dia, em função da época do ano, pois normalmente não se faz indução de cios e os partos se concentram em agosto/setembro e a quase totalidade das cabras é seca em maio”, explicam.

Para a produção de carne, a principal raça utilizada é a **Boer**, em rebanhos puros ou em cruzamentos. Lá também existe uma outra raça de corte, denominada **Kiko**, mas mesmo lá ela é pouco difundida”. Na Nova Zelândia há uma empresa mista, estatal e privada, a **Landcorp Farm Co.**, que desenvolve um trabalho de criação e seleção de animais muito sério e bem elaborado. Para se ter uma idéia do porte da empresa, em 1997 ela possuía 103 fazendas totalizando 393.473 hectares distribuídos por todo o país e um rebanho total de 1.023.957 animais (Tabela 4).

Sílvio e Ana Maria tiveram a oportunidade de visitar uma das fazendas da **Landcorp**, localizada em **Kerikeri**, ao norte da Ilha Norte, onde se concentra o núcleo de seleção de caprinos da raça **Boer** da empresa, e onde estão mantidos cerca de 1.300 animais, criados exclusivamente a pasto. “Periodicamente, os animais são avaliados, determinando-se o seu valor genético e DEP - Diferença Esperada na Progenie para



Figura 5: Cabra **Wairere Mister** e Sílvio Ribeiro, Collin Trupp (centro) e Carolyn Powell.

várias características de importância econômica na produção de carne. É interessante observar que o Brasil tem importado animais **Boer** dos Estados Unidos e do Canadá, porém, a Nova Zelândia tem exportado para esses países, o que significa dizer que é possível adquirir animais diretamente na sua origem.”

**Fibras** - A exploração de fibra se dá essencialmente pela criação de animais da raça **Angorá**, originalmente importados da África do Sul e dos Estados Unidos. Porém, atualmente a Nova Zelândia exporta para diversos países, inclusive esses. “Existem animais de excelente qualidade, mas não vemos maior interesse para o Brasil, ao menos a curto prazo. Os preços mundiais de fibra de origem animal vêm enfrentando

Tabela 4. Composição do rebanho da **Landcorp Farm Co.**

Especie	Número de Animais
Ovinos	844.990
Bovinos	142.451
Cervídeos	28.997
Caprinos	7.519
Total	1.023.957

# Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália (continuação)

Revista dos Criadores – Ano LXVIII – nº 815 – Abril de 1988

do uma dura batalha, com sucessivas quedas, devido a competição com os materiais, além do que nós não temos indústrias especializadas no beneficiamento desse tipo de fibra". (Figura 6).

Da mesma forma que a Nova Zelândia produz leite e derivados, carne e fibra para exportação, o país também está muito bem preparado para a exportação de animais.

"Tivemos a oportunidade de visitar uma fazenda especializada, onde recebemos toda a orientação dos procedimentos adotados. Nessa visita, vimos animais comprados por criadores da Argentina, o que despertou a nossa atenção para duas questões: a primeira, foi o fato da Argentina pertencer ao Mercosul e estar importando animais da Nova Zelândia, o que nos faz pensar que certamente também podemos fazê-lo; a segunda, diz respeito ao mercado que estamos deixando de aproveitar. Será que não temos animais de qualidade suficiente para exportar para a Argentina e demais países da América do



**Figura 6: Animais da raça Angorá, pertencentes à Alan Douglas.**

Sul, ou será que não somos organizados e profissionais o suficiente?", questionam.

Este questionamento já vem com a resposta: "Não é possível querer implantar este modelo de produção no Brasil, nem em qualquer outro lugar do mundo, pois ele é adequado e muito bem estruturado para aquelas condições específicas. Mas, por outro lado nós temos muito a aprender com eles, não apenas no aspecto técnico, como o manejo de pastagens, mas na filosofia de trabalho e no profissionalismo com o qual encaram a atividade pecuária. Se passarmos a encarar a nossa Caprinocultura com o mesmo profissio-



**Figura 7: Animais em quarentena, aguardando viagem para a Argentina.**

nalismo e seriedade, certamente temos condições de encontrar o nosso caminho e obter bons resultados econômicos em nossa atividade". finalizam. ♡

## O trabalho australiano

A Austrália, embora seja um país com características diferentes da Nova Zelândia, apresenta uma série de aspectos similares e o mesmo vale em relação ao Brasil. É um país com dimensões continentais, como o Brasil, mas com uma população muito menor, o que reflete em uma densidade populacional de cerca de 2,2 habitantes/km<sup>2</sup> (Tabela 1). Existem regiões com excelentes pastagens, base de seu sistema de produção, mas há grandes extensões de deserto também. A Austrália é um importante produtor de ovinos e bovinos de corte, porém apresenta uma produção de bovinos de leite bem estruturada.

A caprinocultura de leite é uma atividade bastante recente no país, seguindo em grande parte o modelo neozelandês, embora não possua um sistema de coleta e beneficiamento de leite de cabra tão eficiente, o que se explica em grande parte pela própria dimensão do país. Conseqüentemente, é freqüente encontrar sistemas de produção idênticos aos brasileiros no que diz respeito ao beneficiamento e comercialização efetuados pelo próprio produtor, com uma diferença fundamental: a comercialização de leite não pasteurizado regulamentada pelo governo.

Praticamente a totalidade da produção de leite é destinada ao mercado interno, constituído basicamente de crianças alérgicas ao leite de vaca, da mesma forma que no Brasil.